

## ÉTICA LINGÜÍSTICA: REFLEXÕES A PARTIR DA FILOSOFIA DA LINGUAGEM<sup>1</sup>

Daniela Arns Silveira Monteiro<sup>2</sup> (Universidade do Sul de Santa Catarina)

**ABSTRACT:** *the article presents elements for the reflexion about the linguistic racism that is in actual society. It broach the difference that exist between linguistic **racism** and **prejudice**. It suggest a discussion about the form as language is broachly in environment of journalism. It broach some connections about linguistic **ETICA**, suggesting a reflexion with base in the language philosophy.*

**KEYWORDS:** *ETICA; linguistic; racism.*

### 0. Introdução

Com o intuito de pensar e repensar acerca das diversas formas de comunicação utilizadas na sociedade brasileira, a partir do grande número de línguas aqui existentes, bem como das linguagens usadas, é que surge a questão do racismo lingüístico e, com ele, a ética lingüística. Esta, a ética, é tida como a ciência que estuda os juízos morais referentes à conduta humana. É ela que determina o que é convencional, correto ou está de acordo com os princípios que regem uma sociedade. Da mesma forma, a lingüística, como ciência, tem como objetivo a produção de conhecimentos comunicáveis e controláveis de uma comunidade. Então, a ética lingüística reforça a idéia de que se precisa aceitar o fato de que o homem vive num ambiente diversificado, assim como sua própria língua.

### 1. Objetivos

Objetivo geral: refletir acerca do racismo lingüístico, levando em consideração perspectivas da filosofia da linguagem a partir da ética lingüística.

Objetivos específicos: a) Pensar a respeito do racismo lingüístico existente na sociedade brasileira; b) Estabelecer diferenças entre o *preconceito* lingüístico e o *racismo* lingüístico; c) Verificar o aparecimento de textos com expressões ou que façam referência ao racismo lingüístico no meio televisivo e/ou jornalístico; d) Refletir acerca da ética lingüística diante de uma sociedade com variedades languageiras tão expressivas.

### 2. Metodologia

Este artigo é entendido como uma pesquisa qualitativa acerca da ética lingüística, tendo Aurox como base de fundamentação teórica. Com o propósito de refletir sobre as questões abordadas acima, tais como o racismo lingüístico e as práticas languageiras da sociedade, propõe-se uma discussão sobre estes temas a partir de pesquisa bibliográfica e de recortes de textos que abordam esses pontos.

### 3. Fundamentação teórica

*“Melius est reprehendunt nos grammatici quam non intelligant populi.” (Melhor ser repreendido pelos gramáticos do que não ser entendido pelo povo.) Santo Agostinho (354 – 430)*

Pensar em ética é pensar em comportamento. Comportamento humano. É pensar naquilo em que se deve ou não fazer diante de uma perspectiva de vida em sociedade. Sociedade que se apresenta com uma diversificação cultural e intelectual, desde a multiplicação das civilizações. Contudo, segundo Aurox (1998), o fato de as civilizações modernas terem se expandido, desenvolvido e multiplicado não é condição singular para uma renovação nas atividades ligadas à linguagem.

Partindo deste pressuposto, portanto, o homem, como ser pensante e, sobretudo, filósofo, não se preocupou com a **ética lingüística**.

Quantas línguas e formas de expressividade humana desaparecem a cada dia?

É fundamental que o homem leve em consideração suas práticas languageiras, tanto quanto cada gota de água pela qual se está lutando para permanecer neste planeta.

<sup>1</sup> Este artigo corresponde a um trabalho individual desenvolvido no Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

<sup>2</sup> Professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa da rede particular de ensino, do município de Araranguá/SC; Mestranda do Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL.

Num dado momento da História, Platão faz críticas à retórica, que se caracteriza, vulgarmente, como “o dom da fala”. Ele sente uma certa falta de ética nos discursos proclamados, visto que não se comportavam de maneira digna e verdadeira diante da humanidade, ou seja, havia um interesse por trás, um não-bem (valores éticos). Parafraseando Platão, em Górgias, 465 a.C., a retórica está para a justiça como o advogado está para o criminoso.

No entanto, o célebre filósofo dá início a uma série de discussões a respeito da importância da linguagem como algo a que se pode moldar conforme a ocasião e, como isso está intrinsecamente ligado à ética.

Sobre este aspecto, vale ressaltar que as escolhas feitas acerca das palavras a serem utilizadas são um tanto quanto comprometedoras. É uma questão de responsabilidades. Por isso, há um ditado que diz, em suma, “que as palavras ferem mais que um tapa”, entre tantos outros que se referem à habilidade de usar a linguagem.

Por conseguinte, neste momento, surge uma expressão bastante corriqueira, qual seja “liberdade de expressão”, que se reporta à idéia de qualquer forma de expressão, mas que, aqui, será entendida no âmbito da linguagem.

É preciso levar em conta o fato de que a liberdade de um termina quando começa a do outro, ou seja, o homem deve saber utilizar-se da linguagem para o bem-social, a comunicação, bem como respeitar a comunicabilidade do outro, que, muitas vezes, está ligada a questões particulares e culturais da linguagem do indivíduo.

Acerca desta abordagem, aponta-se uma realidade bastante curiosa, a do **racismo lingüístico**, ou preconceito lingüístico, conforme alguns autores.

Antes mesmo de colocar em pauta as relevâncias que se há de fazer sobre o racismo lingüístico, é importante verificar uma sutil diferença entre estes dois vocábulos: racismo e preconceito.

Quando se pensa em preconceito, pensa-se, na verdade, num pré-conceito, isto é, num entendimento que se possa ter a respeito de algo que sequer se conhece. Assim, levando em consideração as práticas cotidianas, o homem tem o costume (errado) de pensar logo em preconceito racial. Portanto, como estabelecer uma diferença entre preconceito e racismo, posto que o último tem ligação com raça e o primeiro não, se analisado de acordo?

Neste caso, pode-se entender preconceito lingüístico como um pré-entendimento sobre qualquer questão ligada à linguagem. Enquanto que por racismo lingüístico se pode entender como um pré-conceito ligado às raças existentes, ou etnias, como são entendidas hoje, no que concerne ao uso da linguagem. Parece que, em nível de vocabulário, a expressão racismo é mais específica.

Agora que a idéia é apresentada com maior clareza, é possível discutir a respeito.

Segundo Auroux, (1998: 375), o que reforça a idéia de uma necessária ética lingüística é, fundamentalmente, a aceitação do *fato* da diversidade das línguas. Mas a verdadeira passagem a uma dimensão ética efetua-se quando se reflete no estatuto desse fato. O primeiro problema que se encontra é aquele se pode chamar o *racismo lingüístico*.

O racismo lingüístico se dá quando as diferenças reais são interpretadas como diferenças de estatuto intelectual e espiritual. Existem duas fontes deste racismo: o de origem popular e o de origem erudita.

O racismo de origem popular está ligado aos dialetos dentro de uma mesma língua. E o racismo de origem erudita está ligado ao modo como se constituiu a tipologia lingüística, desde o início do comparatismo moderno até as teorias evolucionistas do fim do século XIX.

No que concerne ao racismo lingüístico, tem-se uma gama bastante singular como exemplos.

É impressionante como os vícios de linguagem estão presentes nas falas de quaisquer pessoas, inclusive em situações formais, que, por sua exigência natural, pedem a norma culta padrão.

Muitas vezes, os meios de comunicação e/ou informação têm-se mostrado verdadeiros racistas lingüistas quando colocam à mostra seus textos, carregados de estereótipos, veiculando de forma irresponsável e, por que não dizer, sem qualquer preocupação com a ética lingüística.

Observa-se este tipo de situação no texto do anexo I deste artigo, o qual aborda o *homossexualismo* a partir da visão de um homossexual, também futuro jornalista, que coloca como os meios de comunicação/informação costumam criar nomes e apelidos carregados de intencionalidade acerca da sexualidade de determinadas pessoas, assim contribuindo para um rotulamento em torno do homossexualismo. O texto é um desabafo a respeito do descaso de certos programas com esta questão, visto que as brincadeiras realizadas nesses meios contribuem, muitas vezes, para a marginalização de crianças que podem, ainda, não se reconhecerem como heterossexuais ou homossexuais.

Há que se pensar nessas questões, não com uma preocupação exagerada ou sem limites, mas como forma de melhor ler e interpretar o que está posto, afinal, uma palavra pode carregar uma simples informação ou um segredo muito importante. Outrossim, vale lembrar do aspecto cultural que está atrelado às palavras da língua, quer seja num texto jornalístico, quer seja numa conversa do cotidiano.

Bagno (2003: 15) coloca que de todos os conjuntos de superstições infundadas que compõem a cultura brasileira, nenhum é tão resistente, parece, quanto o das idéias preconcebidas que impregnam nosso imaginário a respeito de línguas em geral e, mais especificamente, da língua que falamos.

A linguagem é o instrumento de controle e coerção social mais complexo e sutil que existe. Segundo Bagno, a língua é parte constitutiva da identidade individual e social de cada ser humano. Portanto, acusar alguém de não saber falar sua própria língua é como dizer que não sabe usar, de maneira correta, sua visão, ou qualquer outro sentido, exceto, é claro, se houver realmente uma limitação. “Nós somos a língua que falamos”, diz Bagno.

Sobre a questão calcada no parágrafo acima, observa-se outro exemplo no anexo 2 do artigo, que traz exatamente o que Bagno chama de mito lingüístico, ou seja, a idéia de que o brasileiro não sabe falar sua língua – a língua portuguesa. É bastante comum ouvir-se depoimentos como esses, mas é um tanto quanto exagerado e incoerente, pois todos os brasileiros, consideradas as devidas proporções, utilizam sua língua pátria de forma a constituírem uma comunicação plausível.

Seguindo este raciocínio, é preciso olhar a língua como realidade histórica, cultural e social, ao mesmo tempo em que o homem também deve ser visto dentro dessas realidades, posto que ele a fala e a escreve. A língua é, por conseguinte, uma atividade social, faz parte da interação social.

Para tanto, não é possível reduzir a língua à norma, muito menos a dita “norma culta”, já que aquela é uma ferramenta; uma ferramenta que vai sendo criada enquanto é utilizada. Diz Bagno que a língua “é o processo e o produto”. Observa-se, neste ponto, os anexos 3 e 5 deste artigo, com exemplos de trechos de textos jornalísticos em que a norma culta da língua mostra-se com problemas. É fundamental questionar-se, portanto, sobre a relevância do texto verbal escrito de determinados órgãos de comunicação/informação, posto que tendem a criticar e ridicularizar algumas pessoas e, por que não, autoridades, acerca da sua forma de falar e/ou escrever. Não se tem como intuito, aqui, abordar a questão do que é certo ou errado acerca das normas da língua, mas pensar a ética lingüística e social, como coloca Bagno, numa perspectiva de vida em sociedade, em que é necessário respeitar a diversidade cultural e lingüística que existe numa comunidade como a brasileira.

Nem toda complexidade das relações humanas pode ser traduzida por meio da linguagem. É preciso refletir.

Há que se pensar, portanto, sobre o que se entende por “erro”, visto que este conceito não é estático; varia de acordo com quem usa. Consiste num preconceito lingüístico de caráter puramente social: o dito racismo lingüístico, segundo Aurox (1998).

E, finalmente, para encerrar, é fundamental pensar sobre o que Bagno (2003: 15) coloca sobre as escolas brasileiras, que vão continuar tendo como missão principal e incontornável a de permitir a seus alunos uma integração cada vez maior e melhor na cultura letrada, o que significa (...) o ensino das formas lingüísticas mais valorizadas pelas camadas dominantes da sociedade, ainda que estas mesmas camadas não empreguem quase nunca essas formas antigas e em óbvio processo de falecimento. (A norma culta – língua e poder na sociedade brasileira, p. 15, 2003)

Por conseguinte, vale refletir sobre o texto do anexo 4, que traz algumas questões bastante simples a respeito do *preconceito lingüístico*, segundo o olhar de um aluno de Ensino Médio que, da sua forma, tem entendido o respeito à diversidade de maneira menos complicada do que se costuma entender ou fazer de conta que se entende. É preciso que haja ética até mesmo no momento de abordar temas como este do preconceito lingüístico em sala de aula, visto que os alunos de hoje merecem uma abertura maior acerca do que acontece em sua sociedade.

**RESUMO:** o artigo apresenta elementos para uma reflexão acerca do racismo lingüístico presente na sociedade vigente. Aborda a diferença existente entre *racismo* e *preconceito* lingüístico. Propõe uma discussão sobre a forma como a linguagem é abordada no meio jornalístico. Aborda algumas relações acerca da ética lingüística, propondo uma reflexão a partir da filosofia da linguagem.

**PALAVRAS-CHAVE:** ética; lingüística; racismo.

## ANEXOS

1. Exemplos fornecidos pela sociolingüista Maria Marta Pereira Scherre.

- (1) “Não IMPORTA AS SUCESSIVAS DECISÕES JUDICIAIS FAVORÁVEIS ao pagamento.” (*Correio Braziliense*, 28/11/2001, p.3, c.3)
- (2) “FALTA ao governo FH DECISÕES CORAJOSAS E FIRMES, principalmente contra os partidos que o apóiam.” (*O Estado de S. Paulo*, 17/9/95, A-2, C. 2)
- (3) “Cresce de importância os PERCENTUAIS dos candidatos periféricos.” (*Jornal do Brasil*, 3/10/94, p. 3)

2. Alguns exemplos de textos jornalísticos acerca da linguagem utilizada para criticar a linguagem de outrem.

## A INGUINORANCIA QUE ASTRVANCA O PROGRECIO DO PAIS

Data: 9 Oct 2006 00:39:45 -0300

De: "RONALDO" <rona@itelefonica.com.br>

HOJE SE VIU BEM A DIFERENÇA DE QUEM TEM ESTUDO E DE QUEM É SEMI ANALFABETO...  
DIZER QUE PARA SER PRESIDENTE NÃO É PRECISO TER ESTUDO, É PRECISO SÓ TER  
CORAÇÃO...???

QUERIA VER O LULA NUMA SALA CIRURGICA PRONTO A SOFRER UMA INTERVENÇÃO DE ALTO  
RISCO E OS QUE VÃO OPERA-LO DIZEREM: AQUI NINGUEM ESTUDOU MEDICINA, MAS  
OPERAMOS E FAZEMOS TUDO DE CORAÇÃO...!!!



09/10/2006

Em: <http://uolpolitica.blog.uol.com.br/index.html>

No debate, o bom foi o calor que cada candidato tomou durante o programa

08/10/2006 - 23h12

É difícil dizer se foi Lula ou Alckmin o ganhador do debate na Band. Mas o bom mesmo foi ver os dois candidatos a presidente passarem aquele calor na frente das câmeras, ambos se esfalfando para convencer os eleitores de que merecem receber os votos para ocupar o Palácio do Planalto por 4 anos. O petista e o tucano passaram por seus momentos de maior tensão desde o início do atual processo eleitoral --e quem ganhou foi o eleitor.

Em termos de eleição presidencial, o debate foi inédito. Por 2 motivos: 1) nunca os dois candidatos entraram tão próximos nas pesquisas e 2) foi a primeira vez que um presidente da República vai a um debate.

Se for para dividir o debate em blocos, Alckmin foi mais incisivo nos 2 primeiros. Lula equilibrou nos 2 blocos seguintes. No último, uma certa neutralidade.

Lula foi mal no começo. Nervoso, não respondeu de maneira convincente as acusações de corrupção. Alckmin também não ficou atrás, ao deixar em aberto os casos obscuros de governos tucanos e do seu próprio, em São Paulo.

Alckmin foi mais pontiagudo do que os tucanos mais otimistas poderiam esperar. Mas talvez tenha exagerado ao usar termos incompreensíveis para o "povão". Ficou repetindo, por exemplo, que o governo Lula, por "inoperância" não conseguia "licitar" uma hidrelétrica. O petista, com os seus solecismos populares (execrados pela elite), é sempre mais eficaz ao falar diretamente ao eleitorado das classes D e E. Só que Lula estava destreinado e quase nunca olhou para a câmera, isto é, para os eleitores.

O efeito do debate se dá mais pela repercussão nos noticiários dos dias seguintes. Até porque a audiência é sempre decrescente ao longo do programa (mais telespectadores assistiram no início). Nesse sentido, Alckmin pode ter se beneficiado mais nesta noite, pois mais pessoas assistiram ao debate quando o tucano emparedou o petista no início. Só que a edição nos telejornais certamente mostrará, pelo menos em tese, os trechos felizes e infelizes de ambos.

Senso comum: a campanha do segundo turno começou, de fato, hoje, no debate da Band.

*p.s.: a Band informa: "O primeiro debate entre os candidatos Lula e Geraldo Alckmin realizado neste domingo à noite pela Band chegou a 20 pontos de pico. Segundo a prévia do Ibope, a média da emissora no horário, entre 20h30 e 22h50, foi de 14,2. Com o debate, a Band chegou a ficar vários minutos segundo lugar, revezando-se na vice-liderança com o SBT".*

3. Produção textual apresentada por aluno de 2º ano de Ensino Médio da rede particular de ensino do município de Araranguá-SC, cujo tema se apresentava da seguinte forma: "Ética x Preconceito", sendo que os tipos de preconceito foram discutidos pela turma e elencados a seguir, tais como preconceito racial, político, econômico e lingüístico.

Como se apresenta o preconceito lingüístico

Preconceito existe pela ignorância, pela incapacidade de compreender e aceitar as diferenças. Diferenças de cor, de raça, de sexo, de classe social e até de linguagem. E é justamente na linguagem que se encontra uma das piores manifestações de preconceito: o preconceito contra as formas consideradas "erradas" de falar e de "escrever". Muitos gramáticos alucinados e paranóicos defensores do português alarmam o "mundo" com a idéia de que o português está sendo corrompido, que não se sabe mais falar português e que se fala tudo errado. Não obstante, denigrem a imagem de tais falantes, cortando suas asas, barrando entradas e limitando o crescimento, desprezando-os e os marginalizando. Primeiro: é impossível um povo não saber falar sua própria língua. Segundo: não existe "certo" ou "errado" na língua, apenas diferenças de uso. A língua só existe porque existem falantes. Falantes ricos ou pobres, novos ou velhos, homens ou mulheres, etc. vários são os exemplos, os quais diferem em suas falas, pois são de lugares diferentes, épocas diferentes, contextos diferentes e histórias de vida diferentes, que formam, logicamente, falantes diferentes. Porém, não se pode esquecer que "o buraco é mais em cima". O preconceito não está na língua, mas em quem a fala. Quem diz "nós vai" ou "a gente fomos" é o pobre, miserável, inculto, analfabeto e, por isso, essas formas são desprezadas, consideradas feias e erradas. Mas, para mudá-las, é preciso, antes, proporcionar habitação, alimentação, saúde e educação, em vez de exigir que façam a conjugação correta dos verbos. É preciso não marginalizá-los por não ter acesso ao "padrão culto da língua" e estigmatizá-los como delinquentes, bandidos, marginais, analfabetos, animais. Tem-se de ir a busca de opções adequadas, ao invés de ações as quais não trazem avanço algum, muito pelo contrário. Tem-se de ser mais ético, moralmente correto e deixar o preconceito e hipocrisia de lado.

4.

# YES, NÓS FALAMOS ENGLISH

Palavras inglesas viram moda  
no Brasil, onde nem o português as  
pessoas conseguem falar direito

Fernando Scalzo





## Feitos e Desfeitos

### MÍDIA & PRECONCEITO

#### TV desrespeita homossexuais

Henrique Velasques (\*)

**Ao longo dos últimos anos, várias vezes me senti incomodado quando o assunto homossexualidade era abordado na TV.** Ainda era um tema-tabu para mim, diante do qual experimentava desconforto. Passava pela fase de autoconhecimento, auto-aceitação da minha sexualidade. Hoje, aos 19 anos, bem resolvido, entendo que a causa do mal-estar está no modo pelo qual a homossexualidade é mostrada. Se o assunto recebesse tratamento melhor, mais real e respeitoso, despertaria outra sensação em mim.

**No Brasil, a televisão é o meio de informação mais difundido e, para alguns, a única fonte de informação. O que aumenta a responsabilidade do veículo com a ética, para informar e construir valores sólidos, em vez de criar estereótipos e disseminar preconceitos – no caso da sexualidade.** Lembro das primeiras vezes em que assisti a manifestações veladas de preconceito sexual em programas de humor – humor de péssima qualidade. Via aquilo e sentia algo confuso dentro de mim dizendo que se ser homossexual era aquilo eu não o era.

**O estereótipo inconseqüente contribui para bagunçar ainda mais os pensamentos já conflituosos de um pré-adolescente. Hoje vejo aquilo como um grande desrespeito. Uma afronta à personalidade e ao livre arbítrio de quem assiste, que toma tal preconceito como regra.** Eu mesmo poderia ter acreditado naquela ideologia mentirosa e assumido o pensamento que me queriam impingir: repeliria o homossexualismo porque não quero ser isso. Meu caso foi diferente. Prefiro dizer "sou homossexual, e tudo aquilo que me foi mostrado é uma mentira".

O mais interessante é que um dos humoristas daquela época – Renato Aragão – continua na TV até hoje, levando ao ar os mesmos valores a outras crianças e pré-adolescentes com conceitos em formação. Daí a importância de um controle de qualidade, principalmente na programação infantil das emissoras. Outro humorista de caráter preconceituoso é Chico Anysio, não somente nos personagens, mas também em declarações à imprensa. Será que ele acharia engraçado se alguém o desrespeitasse da maneira grotesca como faz em seus programas? Antes de rir de suas piadas ele deveria saber que do outro lado da tela há várias pessoas que poderiam se sentir atingidas.

**O medo de tratar o assunto de maneira verdadeira e digna, assim como a comodidade de apelar ao estereótipo fácil, previsível, também atinge a dramaturgia nacional.** Na maior parte das vezes em que o homossexual é retratado na ficção, é na figura de um afeminado cômico e alienado da realidade masculina. Algumas felizes exceções mostraram-se bastante elogiáveis: um casal gay masculino na novela *A próxima vítima*, com direito a final feliz; um casal gay feminino em *Torre de Babel*, prematuramente retirado da trama. O autor das duas novelas, Silvio de Abreu, credita a rejeição do público ao casal de lésbicas de *Torre de Babel* a dois fatores: o machismo, que considera mais conceitável dois homens juntos do que duas mulheres; e o fato de que em *A próxima vítima* os personagens homossexuais eram revelados a partir da metade da história, enquanto *Torre de Babel* apresentou o casal vivido por Cristiane Torloni e Silvia Pfeiffer desde o início da história.

**Respeito à diversidade**

No programa *Malhação* houve quatro casos de homossexualidade, todos tratados com propriedade. No segundo ano da história o personagem Gabriel (Thierry Figueira) protagonizou cinco capítulos, expondo um jovem descobrindo-se homossexual. Em 1998, uma professora de dança interessava-se discretamente por outra personagem, mas o romance não teve futuro. Em 2000, o personagem Sócrates (Erik Marmo) passou pela trama em 15 capítulos, e chamou grande atenção do público. No ano seguinte, a personagem Drica (Gisele Frade) começou a se identificar com o mesmo sexo, mas sem muito futuro: duas semanas mais tarde se engajaria num relacionamento heterossexual. A aceitação do público foi positiva no caso dos personagens masculinos e negativa no caso dos femininos.

Se o público interferiu para censurar, também interfere agora para moralizar. Atualmente, associações e ONGs que apóiam a diversidade sexual e comportamental têm se mobilizado contra os comerciais de TV de conteúdo preconceituoso – retirando-os do ar em alguns casos – e os programas de péssimo calão com as chamadas "pegadinhas", que submetem homossexuais a posição surreal e de inferioridade.

Enquanto apresentadores e atores homossexuais se escondem atrás da fachada heterossexual, o público vem lhes dando lições de cidadania, pressionando para que programas preconceituosos percam patrocinadores e exigindo o fim da ideologia difamadora da homossexualidade. Cabe a cada um fazer a sua parte, boicotando produtos que patrocinem programas preconceituosos e manifestando reprovação, seja nos centros de atendimento ou nos sítios de internet. Só deste modo será possível construir um mundo que respeite a diversidade.

(\*) Estudante de Jornalismo

CONSIDERAÇÕES FINAIS: a sociedade brasileira tende a corromper-se socialmente à medida que vai desvalorizando o que é de sua terra e de seu povo, à medida que age de forma desgovernada com relação à sua própria cultura. Diz-se desgovernada porque não resguarda nem respeita as suas raízes, quer sejam indígenas, alemães, italianas, açorianas, japonesas, chinesas, holandesas, africanas, ou quaisquer outras. Não é preciso uma pesquisa muito extensa para se verificar que, na verdade, o que ocorre neste país é um grande preconceito social, que, por sua vez, abarca o racismo lingüístico. Portanto, é preciso que estudos acerca deste racismo, bem como de temas que abordem a ética lingüística continuem sendo efetivados, pois enquanto a comunidade continuar com o discurso de que nem o próprio falante conhece sua língua, o racismo lingüístico continuará existindo. É preciso uma conscientização lingüística e social. Assim, trabalhos e estudos como estes podem contribuir para uma evolução sociolingüística, tanto do racismo popular como do científico.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUROUX, Silvain. **A filosofia da linguagem**. Campinas/SP: Editora da UNICAMP, 1998.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- MOURA, Heronides Maurílio de Melo. & SILVA, Fábio Lopes da. **O direito à fala: a questão do preconceito lingüístico**. Florianópolis/SC: Insular, 2002.
- SCALZO, Fernando. Yes, nós falamos English. **Veja**, São Paulo, Abril, p.124-128, abr. 1997.
- VELASQUES, Henrique. **TV desrespeita homossexuais**. Disponível em <<http://www.observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/fd290120034.htm>>. Acesso em 2 out. 2006.
- Opine sobre o primeiro debate entre Lula e Alckmin**. Disponível em <<http://www.terra.com.br/dnews/dnewsweb.cgi?cmd=article&group=atualidades.eleicoes2006.>>